

O mundo de Ricardo Bezerra

“E diante da imagem ... todos estão como diante de uma porta aberta dentro da qual não se pode passar, não se pode entrar...”

Didi-Huberman O que vemos, o que nos olha p.242

No filme *O Inquilino* (*Le Locataire*, 1976), de Roman Polanski, o personagem principal Treilkovsky se pergunta: “ Se eu corto a minha cabeça, eu digo ‘ eu e minha cabeça’”. Então ele se pergunta: "Que direito a minha cabeça tem de se chamar de EU?”. Nós colocamos o EU onde está a linguagem, no caso da cabeça, a fala, a visão e a audição e naturalmente o cérebro.

O EU está em algum lugar equidistante entre os olhos, a boca, o nariz e os ouvidos, ele se confunde um pouco entre o que está atrás e na frente dos olhos. O que nós vemos é parte do que somos. O que nossos olhos tocam acaba sendo nossa propriedade, pois formam o nosso mundo e quando, na morte, os nossos olhos não se abrem mais o mundo todo se acaba. Para cada morte se acaba um mundo inteiro.

Eu sou o EU somado ao que vejo. O outro e o que eu não vejo, formam outro mundo: o mundo do outro. Quando eu vejo o outro, este outro faz parte da minha história e nesse sentido, de mim: o meu amigo, a minha filha, o meu chefe. A visão é uma projeção do meu EU para além da porta do olho como um feixe de luz que ao invés de projetar, recolhe o que se vê para a composição do meu EU.

A diferença entre o que está e o que não está revelado na nossa visão determina a diferença entre o presente e o ausente, entre o EU e o OUTRO. O ausente de mim é o OUTRO. Como um personagem de Dostoiévski declara a propósito dos OUTROS,

“Torturava-me então mais uma circunstância: o fato de que ninguém se parecesse comigo e eu não fosse parecido com ninguém. ‘Eu sou sozinho, e eles são TODOS’, dizia de mim para mim, e ficava pensativo”¹.

Ricardo Bezerra fala de muitas coisas em suas pinturas. A nova abstração, que não é mais abstração e nem representação, mas, apresentação (como disse Celso Favaretto a propósito da arte contemporânea ²). Mas um assunto que Ricardo se dedica é o recorte na pintura. Nesse caso o recorte ou as bordas na pintura podem ser vistos como a diferença do que se vê e do que não se vê, ou a diferença entre o EU e o OUTRO. Se o olho é a porta do eu, as bordas da pintura são a apresentação dessa porta. O que está dentro da pintura faz parte de outro mundo, não mais um mundo ausente, mas presentificado através da nossa visão.

Em algumas obras podem ser vistos recortes ou junções de duas pinturas, como se o apresentado fosse o intervalo das pinturas e não a imagem contida na tela. É surpreendente a capacidade da pintura de se renovar e buscar assuntos nunca antes imaginados. O assunto do entre-pinturas acaba sendo um pormenor tão importante quanto a figura mais central da tela.

Sergio Romagnolo, agosto de 2003

¹ Dostoiévski, Fiódor. Memórias do subsolo, São Paulo, 2000, ed. 34 Letras, p.58

² Defesa de Doutorado de Leda Catunda, Centro Universitário Maria Antônia, 28-03-2003, depoimento gravado em vídeo.